

A MUSEALIZAÇÃO DA FESTA RELIGIOSA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Cícero Joaquim dos Santos¹

Resumo

Este relato de experiência apresenta considerações sobre o ensino de história local no Museu Casa da Memória de Porteiras/CE, especialmente no que concerne à abertura da exposição "A festa da Coroação: Usos e Representações", que ocorreu em maio de 2010. O Museu foi criado em 2007 a partir da mobilização popular provocada por um grupo de jovens auto-intitulado Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), que desde então administra voluntariamente a Instituição. Refletindo sobre os usos da memória da festa no espaço museal, a pesquisa dialoga com os conceitos de representação e memória social e vem sendo desenvolvida a partir da metodologia da história oral. No espaço museal, as apropriações e representações da festa foram problematizadas, o que elucidou as disputas pela memória e o potencial educativo do museu.

Palavras-chave: Festa Religiosa – Museu - Ensino de História.

THE MUSEALIZAÇÃO* OF RELIGIOUS PARTY: REPORT OF AN EXPERIENCE

Abstract

This experience report presents considerations on the teaching of local history at the Museum of Memory House Gates / CE, especially in relation to the exhibition "The Feast of the Coronation: Uses and Representations", which occurred in May 2010. The museum was created in 2007 from the popular mobilization triggered by a group of young self-titled Retractors Gates of Memory (REMOP), which has since voluntarily administers the institution. Reflecting on the uses of memory in the party space museum, the research speaks to concepts of social representations and is being developed from the methodology of oral history. In the museum space, appropriations and representations of the party were firstly, which elucidated the Games on memory and learning potential of the museum.

Keywords: Religious Party, Museum, History education.

¹ Universidade Regional do Cariri. E-mail: cjoaquims@yahoo.com.br

* "Musealização", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013), disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/musealiza%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 15-01-2014], significa: Integrar em museu ou em instituição semelhante (ex.: *musealizar um complexo termal romano*); Considerar peça de museu. No nosso caso, o ato de se preservar um artefato para mostra sua historia e assim cultivar sua cultura; um artefato se torna, quando um objeto ganha valor, significado e atribuições perante um homem / meaning: Integrating a museum or similar institution (eg musealization a Roman baths complex); Consider museum piece. In our case, the act of preserving an artifact to show its history and thus cultivate their culture, an artifact becomes, when an object gains value, meaning and assignments before a man

Introdução

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois são construídas relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar (RAMOS, 2001, p.111).

Em comemoração a 8ª Semana Nacional de Museus, evento celebrado nacionalmente e impulsionado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que acontece anualmente no mês de maio em alusão ao Dia Internacional dos Museus - dia 18 -, a Casa da Memória de Porteiras abriu, no dia 17 de maio de 2010, a exposição "A Festa da Coroação: Usos e representações"². Tal evento aconteceu em um momento no qual a população de Porteiras se deparava com um novo dilema: as mudanças implementadas na celebração da maior festa religiosa da cidade: a Coroação da padroeira Nossa Senhora da Conceição, que anualmente acontece no dia 31 daquele mês (SANTOS, 2008).

As alterações mencionadas referem-se as mudanças nas festividades populares daquela data, tradicionalmente celebradas após a comemoração religiosa. Portanto, o dilema diz respeito à tentativa de proibição das sociabilidades tidas como profanas por uma pequena parcela católica da população. Neste caso, a compreensão das festividades "profanas" diz respeito às práticas que fogem da conotação religiosa daquele momento, como é o caso da festa dançante, com forró, churrasco, bebidas, jogos de azar, brinquedos de diversão entre outras.

Logo, houve uma dissociação entre a festa religiosa e a profana. A cerimônia da coroação da Imaculada Conceição permaneceu no dia 31 de maio. Após a comemoração, os católicos passaram a contar com uma festa "diferente", com apresentações de canções religiosas, "músicas para Deus", como dizem os organizadores do evento. Já o tradicional forró que começava com o fim da celebração oficial e as demais comemorações populares supracitadas forão antecipadas para o dia 30. Assim, sagrado e profano foram separados entre o pôr do sol e o nascer do dia seguinte.

Nesse contexto, a abertura da exposição na Casa da Memória tinha o objetivo de problematizar as representações da referida festa religiosa construídas pelos porteirenses, visto que uma das funções dos objetos em um museu histórico consiste na problematização e reconstrução das memórias.

Assim, a exposição foi organizada tomado como referência a pedagogia do objeto gerador segundo a qual os objetos depositados em um espaço museológico, quando problematizados, podem revelar as tessituras das experiências vividas (RAMOS, 2004). Dessa forma, possibilitam através do diálogo construído entre o visitante, o mediador e a cultura material a formação da consciência crítica e histórica.

Consoante Bittencourt,

É comum encontrarmos crianças e jovens em museus, acompanhados de professores, percorrendo as salas onde estão expostos variados objetos em vitrinas com iluminação atrativa. Uma atividade educativa dessa natureza é sempre bem-vinda, mas para quem dela participa sempre fica a indagação sobre o que efetivamente se aprende nessas visitas, que demandam preparação e envolvimento dos docentes e da comunidade (BITTENCURT, 2009, p.354).

Nesse sentido, ponderar sobre as representações da festa religiosa e envolvê-la em uma narrativa, construída em uma exposição museológica, requer além da atenção para as práticas de sociabilidades e os usos da cultura material que a representa, o direcionamento do olhar para a pretensão do grupo responsável pela organização da exposição, as apropriações desta pelos visitantes e, portanto, o potencial educativo do museu. Lembremos que,

Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração e sim a reflexão crítica. Se antes os objetos são contemplados, agora devem ser analisados. O museu coloca-se, então, como o lugar onde os objetos são expostos para compor um discurso crítico (RAMOS, 2001, p.111).

Assim, como estamos lidando com uma experiência vivida em um museu comunitário é importante estarmos atentos para o processo de construção da exposição, da coleta dos objetos à montagem, e de igual modo, é

importante atentarmos à problemática que delimitou a narrativa contada através da cultura material, visto que “Ao trabalhar com os objetos através de problemáticas históricas, o museu abre um infindável campo de possibilidade.” (RAMOS, 2004)

Nesse direcionamento, a coleta dos objetos foi promovida pelo Núcleo Educativo da Casa da Memória, sendo este composto pelos membros da Associação Retratores da Memória de Porteiras (REMOP). O grupo se apoiou em algumas pesquisas históricas que tomaram a referida festa como núcleo de investigação (SANTOS, 2007, p. 12).

Com base na perspectiva da história cultural, o grupo optou por colher objetos pertencentes aos moradores da cidade que em algum momento foram utilizados ou produzidos durante as comemorações festivas da celebração religiosa. Dessa forma, a proposta consistiu em utilizar objetos guardados nos arquivos privados. De velhos baús, caixas de madeiras e albúms fotográficos familiares foram recolhidos diversos bens materiais. Esse envolvimento direto do núcleo educativo com a população local obtém destaque pela percepção das sensibilidades que recobrem os usos e/ou a guarda dos objetos, pois como já afirmava Sandra Pesavento, “a sensibilidade consegue, pela evocação ou pelo lembrar de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento” (PESAVENTO, 2007, p.13).

Dessa forma, problematizar as representações da referida festa religiosa no citado espaço museal representa abarcar o campo das memórias singulares e das identidades sociais. De igual modo, permite o despertar do olhar para as práticas educativas fora do espaço escolar e protagonizadas por jovens que tomaram a memória e o patrimônio cultural do seu lugar como instrumentos de luta. Percebemos, portanto, sua participação na construção da cidadania cultural (ORÍ, 2009).

Nesse direcionamento, percebemos que o povo de Porteiras promove duas festas por ano em homenagem à Imaculada Conceição, a santa padroeira. A primeira acontece em maio: é a festa da coroação. A segunda se realiza nos primeiros dias do mês de dezembro, terminando, com a tradicional procissão do dia oito, data oficial de homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Conforme Santos, embora existam essas duas ocasiões marcantes para os católicos de Porteiras, é na festa da coroação que a população mais se identifica, reafirmando a fé na Santa e construindo relações de significabilidades da comemoração, reconhecendo-a como tradição e defendendo-a como “a festa dos porteirenses” (SANTOS, 2007, p.12).

No entanto, a coroação de Nossa Senhora da Conceição não é um acontecimento particular de Porteiras, Ceará. Ela também é tradicional em outras localidades. Contudo, o que a torna peculiar em Porteiras é a dimensão que a celebração toma com diversas festividades sagradas e profanas (DIÁRIO DO NORDESTE. 2007). Esse cenário foi problematizado na Casa da Memória.

O Potencial Educativo da Casa da Memória

A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um “olhar de curiosidade” a respeito de “peças de museus – que na maioria das vezes são expostos pelo seu valor estético e despertam o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um ‘passado ultrapassado’ ou ‘mais atrasado’ – e um ‘olhar de indagação’, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história (BITENCOURT, 2009, p.355).

Estudantes e professores das escolas públicas e privadas de Porteiras participaram da solenidade oficial de abertura da exposição “A Festa da Coroação: Usos e Representações” na Casa da Memória de Porteiras. Além deles, líderes políticos, comerciantes, funcionários públicos, agricultores e donas de casa, bem como representantes de outros grupos populares também estiveram na ocasião. Isso demonstra a capacidade de mobilização da população desencadeada pelos jovens da Associação REMOP. Convidados à ocasião, muitos seguiram o roteiro elaborado e construíram um diálogo com os jovens mediadores.

Logo na entrada da sala de exposição temporária, na qual acontecem as exposições de curta duração, alguns documentos históricos escritos relacionados à festa foram expostos. Eram algumas passagens da ata da paróquia de Nossa Senhora da Conceição que apresentavam informações sobre as celebrações realizadas em outrora. As mesmas eram indagadas pelos mediadores que, por sua vez, despertavam a curiosidade dos visitantes sobre o passado da festa .

Segundo Nascimento, a festa teve início em Porteiras no ano de 1934, promovida pela iniciativa da professora Maria do Carmo Simplício. Esta senhora é citada também nas memórias dos porteirenses como a idealizadora desta celebração religiosa. Contudo, as memórias de Dona Bá apresentam a existência de novenas e celebrações durante os meses de maio, num período anterior ao citado. Nesse contexto, a presença de padres na região era reduzida. Cabia, então, aos próprios moradores promoverem suas celebrações de devoção. Nesse momento, Josefina Rodrigues era a responsável pelas comemorações católicas (NASCIMENTO, 1995).

Assim, percebemos que a festa da coroação da Imaculada Conceição, em Porteiras, teve início antes mesmo da fundação da paróquia desta localidade em 1958, dentro da capela. Posteriormente, passou a ser realizada em frente à igreja matriz, ainda sob a coordenação de Maria do Carmo Simplício. A partir de 1962 a cerimônia da coroação passou a ser coordenada por Marlene Pereira Dantas. Com o apoio da população local, dos párocos e das Irmãs Beneditinas, esta senhora deu continuidade a organização da manifestação durante as décadas seguintes da segunda metade do século XX (SANTOS, 2007).

No relato presente no *Livro de tomo da paróquia de Porteiras*, em maio de 1958, são citadas a alegria e a participação do povo nas comemorações religiosas: “Fizemos a Coroação da S. S. Virgem entre alegrias e contentamento do povo”. Em 1959, a festa é citada em tal documento como sendo tradicional na localidade e apresentando repercussão na região.

Na exposição, essa comemoração era problematizada como um momento de formação religiosa, congregação, reatamento de antigas relações sociais e também um instrumento político de projeção social, como podemos perceber ao analisarmos o escrito na ata da paróquia, no ano de 1961: “Dizem que o grande ‘milagre’ do mês foi o reatamento de paz entre o vigário e o Prefeito”. As apropriações populares da festa também foram expostas e convidavam os leitores a repensarem os modos com a celebração era entendida e apropriada pelas famílias abastadas e pelos líderes políticos, evidenciando sua dimensão política.

Também, a exposição levava os visitantes a repensarem a organização da festa e a compreensão do tempo sagrado a partir de um painel de fotografias que dava seqüência ao roteiro da exposição. Intitulado Memórias Entrelaçadas, o painel provocava a reflexão sobre as variadas vivências daquele momento. Lembremos que “A fotografia tem um inesgotável poder para a percepção da trama entre o espaço e o tempo, abrindo uma significativa via de acesso à chamada educação patrimonial.” (RAMOS, 2004).

A partir das imagens, os mediadores ponderavam sobre as diversas formas de vivenciar a experiência religiosa no mês de maio em Porteiras. Os católicos, que representam a maioria da população, a reconhece como à terra de Nossa Senhora da Conceição. Orar, coroar e festejar são sinônimos desse momento em que os católicos se organizam para participarem das diversas experiências religiosas que fazem desse período um momento especial.

Nas manhãs de maio de outrora, os fogos de artifício que saíam da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição anunciavam o período das celebrações católicas. O som dos fogos, logo no primeiro dia do mês, acordava os fiéis que esperavam ansiosos a chegada do período para orar e festejar o mês mariano. Esse período era tido como um outro tempo. Assim, havia uma projeção de um tempo mítico ou sagrado.

Os festejos religiosos em torno de Nossa Senhora da Conceição eram preparados com antecedência pela paróquia local antes do início do mês sagrado. Logo eram selecionadas as famílias que ficavam responsáveis pela organização dos novenários durante todo o mês. Nesse período, a cada dia, a imagem da Santa ficava sob a responsabilidade de uma família, que devia cumprir com alguns rituais religiosos tradicionais. No período analisado a coordenação da celebração ficava sob a responsabilidade de Marlene Pereira Dantas.

Logo pela manhã, os noitários, como eram chamados popularmente os responsáveis pelo ritual sagrado, seguiam até a igreja matriz, juntamente com os fiéis moradores da vizinhança, com o intuito de buscarem a imagem da Santa. Ela era guiada até o endereço dos responsáveis, enquanto os fiéis seguiam cantando hinos de louvor (SANTOS, 2008).

Por onde passava a procissão o povo parava, simbolizando respeito com a imagem e com os fiéis que, cantando, seguiam o ritual. Chegando ao local de acolhida, a imagem da padroeira era levada pelos católicos para as casas dos vizinhos e entrava em cada domicílio. Nesse momento eram entoadas feitas orações e benditos. Esse ritual simbolizava o pedido de proteção que os fiéis dirigiam à Santa. Para os crentes, a entrada dela em suas residências tinha o poder de amparar e proteger suas famílias. No final do mês, a imagem tinha sido acolhida em todas as residências dos católicos de Porteiras.

Esse cenário das festividades marianas foi retratado na exposição através de fotografias que pertenciam aos moradores da cidade e que foram emprestadas para a ocasião. No centro da sala de exposição foi colocada uma estátua da santa para provocar os visitantes a repesarem a festa a partir da imagem da padroeira. Em outras palavras, o grupo procurou por meio da referida imagem despertar a compreensão das práticas singulares daquele momento, a partir da atribuição de significados profundos à Santa. Portanto, nessa circunstância, o objeto não foi

exposto para ser cultuado, mas sim para possibilitar o debate sobre as representações e os usos sociais da festa da "Mãe de Deus". Logo, assumiu o status de um objeto gerador.

O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criações e criaturas do ser humano em sua historicidade. Ora, tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber – leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras (RAMOS, 2004, p.32).

Imerso na profundidade da festa, os sons daquela celebração também foram postos à reflexão na exposição museológica. Consoante Santos, quando o sino da igreja matriz batia as doze badaladas² de toda a cidade os porteirenses ouviam e acompanhavam o ofício, oração realizada em forma de música, cantada na igreja matriz por católicas que cumpriam o ritual do primeiro ao último dia do mês. Juntamente com o som das orações do ofício, a população ouvia o barulho da banda cabaçal organizada pelos fiéis. Ela saía da calçada da igreja matriz ao meio dia e, tocando, percorria as ruas da cidade. O som fazia lembrar os religiosos que estavam vivenciando um tempo sagrado (SANTOS, 2008).

Durante a noite, momentos antes dos fiéis saírem em direção à igreja, eram formadas duas grandes filas. Na frente ficavam as crianças, em seguida os jovens, adultos e idosos. Diversos grupos sociais se integravam, dos mais pobres aos privilegiados. Nesse momento, as duas primeiras crianças seguiam vestidas de anjos e levavam lâmpadas de cor vermelha, o que atraía a atenção de outras crianças e da população em geral (SANTOS, 2007).

Na saída da procissão, fogos de artifício eram atirados ao céu anunciando a sua partida. Tradicionalmente, quatro homens levavam o andor com a imagem da Santa ao centro, entre as duas filas. Ao final, a banda cabaçal seguia tocando, mostrando aos fiéis que a procissão passava. Ao chegar a Igreja, o barulho dos fogos de artifício anunciavam o início da novena. Esses rituais obtiveram continuidade até os anos finais da década de 90, quando o pároco local, que havia assumido o compromisso eclesiástico com a Paróquia de Porteiras em 1995, pôs fim. O cortejo religioso continuou, entretanto, sem a tradicional organização.

As escolas públicas e privadas também tinham o seu momento de louvor à padroeira. Geralmente, os estudantes e seus familiares, os funcionários e gestores detinham uma data específica do mês para organizarem o novenário à Santa. Essa ação constituía um meio de educar para a formação religiosa católica. Da mesma forma, as secretarias municipais também recebiam a imagem da Santa e correspondiam aos rituais. Essa expressão pode também ser entendida como um ato público de caráter político, uma vez que esse era um momento no qual grande parte da população direcionava seus olhares para tais instituições, sendo, assim, uma forma de obter visibilidade dentro da sociedade local.

Ao “musealizar” imagens das festividades que ocorriam nos espaços rurais de Porteiras durante o mês Mariano, a exposição museológica demonstrava que não era apenas a população da zona urbana que celebrava as comemorações daquele momento. O povo da zona rural também participava das várias experiências religiosas vivenciadas no período. Nesse contexto, a Santa não era levada apenas às residências do espaço urbano. Era também recepcionada nas moradias da população católica da zona rural do município. Aspecto presentes em outros períodos como na década de 50 e 60, como nos demonstra o *Livro de Tombo da Paróquia*. Na exposição museológica, essas imagens foram entrecruzadas para demonstrar aos visitantes a multiplicidades das memórias e das práticas religiosas.

Uma das ocasiões mais esperadas pelos religiosos era a noite dos motoristas, celebrada todos os anos no dia 30. Nessa ocasião, as pessoas que possuíam automóveis e motocicletas seguiam em procissão pela cidade em direção a igreja matriz, juntamente com os sujeitos que não possuíam esses meios de locomoção. Nesse momento era formada uma fila de automóveis que seguia buzinando, atraindo a atenção da população. Ao fim da fila, a imagem de Nossa Senhora da Conceição era levada em cima de um automóvel - geralmente bem ornamentado - e um outro o seguia com cânticos religiosos.

Esta expressão de fé era entendida como um momento de grande desejo popular, devido à grandiosidade que o momento tomava na localidade.

² Essa expressão representa a orientação do tempo pela população católica, visto que nessa localidade o tempo também era ordenado segundo o horário do relógio presente na estrutura da igreja matriz, sendo, as badaladas do sino, um meio de orientação temporal

Na exposição, tal expressão era problematizada como um ato de fé e também um instrumento de projeção social na medida em que possibilitava visibilidade aos sujeitos detentores de automóveis, especialmente os que levavam a imagem da Santa. Logo, as disputas e tensões que recobria a festa também eram repensadas a partir do diálogo com os mediadores.

A culminância das expressões da religiosidade dos porteirenses católicos, nos dias do mês consagrado à Santa Maria, acontecia com a cerimônia de coroação da Santa, que ocorria todos os anos na noite do último domingo do mês de maio, em frente à igreja matriz, comumente celebrada com a participação de um grande número de fiéis da localidade e religiosos visitantes. Esse era considerado por muitos o momento mais esperado do ano. Vejamos o relato de Nascimento:

O sentimento do povo de Porteiras se manifesta, com mais ardor e devoção, na festa de Coroação de Nossa Senhora da Conceição, que ocorre no último domingo de maio. É uma das maiores festas religiosas da região. A cidade abre as “porteiras” e o coração para receber os visitantes. É o momento do reencontro, da confraternização. A oportunidade de rever velhos amigos ou voltar ao torrão querido para matar a saudade. (...) A praça, em frente à Igreja Matriz, transforma-se no santuário comum de todos os porteirenses (NASCIMENTO, 1995, p.13).

Naquela noite, à medida que a população começava a chegar ao local da cerimônia, o espaço começava a ser ocupado e dividido segundo alguns critérios estabelecidos pelos organizadores do evento religioso. Todos os anos eram colocados alguns bancos de madeira que separam os degraus da Igreja, onde era montado o altar, da população que acompanhava a cerimônia. Um espaço era reservado para algumas famílias, geralmente compostas por políticos, comerciantes e funcionários públicos, enquanto que o restante da população acompanhava de pé toda a celebração. Assim, a divisão do espaço estabelecia um meio de projeção social.

A cerimônia religiosa começava com a celebração de uma missa pelo pároco local. Em seguida, iniciava-se a coroação, que, tradicionalmente, era toda musicada e cantada pelas crianças e adolescentes que participavam. Apenas as meninas participavam representando anjos, astros celestes e camponeses, além das virtudes e da personagem coração. Ao longo do tempo, essas categorias, principalmente a do anjo, tornaram-se um ideal e um desejo de grande parte das crianças da localidade, em grande parte influenciadas por seus pais.

Tal representação também foi inserida na exposição museológica. Próxima da imagem da Santa foi colocado um manequim com os vestes de um anjo. A proposta consistia em problematizar a (re)invenção dos seres celestes e, principalmente, indagar sobre a dimensão política que recobria a escolha das crianças para representá-los. A imagem da padroeira era coroada por duas delas, geralmente filhas de políticos, funcionários públicos de prestígio social ou outras pessoas influentes na localidade, o que demonstra que eram selecionadas segundo critérios que levavam em consideração a privilegiada posição social de algumas famílias. Isso levava os visitantes a pensar que, embora a festa possuísse fortes laços de pertença, também estava imersa no sentido político, do prestígio e do status social.

No momento em que a santa era coroada, o povo cantava o tradicional hino de coroar:

Aceitai essa coroa
Virgem Santa Mãe querida
Que nos seja, ó Rainha
O penhor de eterna vida ³.

Como as canções também podem ser entendidas como documentos para o ensino de história, aquelas entoadas durante a festa religiosa também compuseram a exposição. Suas letras e melodias possuíam um forte elo de continuidade entre o passado e o presente. Estas, tradicionalmente, faziam parte da celebração sendo entoadas apenas nessa ocasião. Dessa forma, também lhe eram revestidas de inúmeros valores e contribuíam para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e identidade social.

Nos registros escritos e nas narrativas orais dos idosos católicos de Porteiras, a festa de coroação é apresentada como a maior e melhor festa existente na localidade. Podemos perceber o reconhecimento da celebração e também as saudades dos tempos de juventude, quando acompanhavam seus pais nas festividades.

³ Canção entoada durante a celebração da Coroação da Imaculada Conceição. Acervo da Casa da Memória de Porteiras

É a festa melhor que há em Porteiras, é a Coroação de 31 de maio. É por que essa festa que é a coroação, a gente acha que ela é das melhor por que ela já vem do começo de Porteiras, do começo da Igreja. É da Padroeira da Igreja de Porteiras, Nossa Senhora da Conceição. Então é a festa bem animada e vem gente de longe, muita gente. Aí no tempo atrás, no tempo deu mais pequena, minha mãe trazia nós ⁴.

Na narrativa, podemos notar além do sentido religioso, familiar e de socialização, um sentimento de continuidade entre o passado e o presente. Tais representações contribuem para o fortalecimento da fé, para a construção dos sentimentos de pertença e identidade, bem como para a valorização do passado de Porteiras. Sobre a rememoração da festa “As sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido” (PESAVENTO, 2007, p.15).

No Cariri cearense de outrora, as festas de santos eram momentos de celebração e intensificação das práticas coletivas. Segundo o Sr. Joaquim Gonzaga, até os anos iniciais da segunda metade do século XX, após a cerimônia religiosa, a população participava dos leilões dirigidos pela ordem religiosa, que envolvia fortemente o povo. Após os leilões, todos dirigiam-se aos salões de forró, animados pelos sanfoneiros. Tais espaços de divertimento ficavam em diferentes lugares da cidade. Entre os anos de 1990 a 1995 o parque de diversões tornou-se mais um atrativo para a folia popular. As festas passaram a contar, também, com apresentações de bandas musicais modernas no antigo campo da cidade, que, na ocasião, se tornava o centro das festividades populares⁵. Posteriormente, as festividades tomaram a nova área de lazer da cidade, a Praça da Liberdade, reconstruída por volta de 1995.

Observamos que, nas práticas de sociabilidades, a população reforçava suas ações de fé e de diversão. Esse era o momento de orar e festejar entre familiares, amigos e visitantes, o dia de coroação da padroeira. Tal circunstância movimentava toda a cidade. Bancas de diversos artefatos e jogos de azar eram armadas nas ruas e os bares sempre freqüentados. No parque de diversões, crianças e jovens divertiam-se nos diversos brinquedos e a população dançava e festejava com bebidas em um grande campo de diversão. Isso nos lembra que,

As festas são caracterizadas pela regularidade temporal com que acontecem, pelo sentido de renovação que trazem, pela exuberância que provocam, sendo ocasião de liberação de impulsos, práticas de excessos e esbanjamentos, onde a dança, a música, a comida e a bebida são elementos sempre presentes. As festas são momentos de intensificação da vida coletiva (SOUZA, 2004, p.64).

Nesse direcionamento, foi montada uma mesa de bar em um dos lados da sala de exposição. As garrafas de cervejas se misturaram aos demais objetos da celebração para provocar a reflexão sobre os diferentes usos da bebida na ocasião, visto que “fazer relações entre artefatos diferentes pode deixar a reflexão com mais carga de conhecimento histórico” (RAMOS, 2001, p.112). Nesse sentido, os mediadores lembravam ao visitantes que o conjunto de práticas sociais daquele momento compunham a festa. Beber também representava uma forma de celebração e intensificação das práticas de socialização daquele momento.

Além do simbolismo religioso e da intensificação das práticas coletivas, o comércio do município obtinha desenvolvimento. Os comerciantes tinham na ocasião um momento de melhores vendas. Para os setores populares, esse era um momento de obtenção de um ganho extra com a comercialização de produtos diversos. Vale lembrar as considerações de Abreu: os setores populares criam e transformam as práticas religiosas segundo suas heranças culturais, experiências e necessidades, reconstruindo seus significados (ABREU, 1994).

Em meio ao conjunto de objetos expostos, um manequim bem vestido chamava a atenção e despertava curiosidades e risadas nos visitantes. Tratava-se de um antigo costume existente no período da festa. Todos os anos a população costumava comprar uma roupa nova na feira que era montada na avenida central da cidade. Para os católicos, o ato de usar uma roupa nova era fundamental para a ocasião, até mesmo para as famílias mais pobres. Sendo a maior festa popular do município, as pessoas procuravam se apresentar bem vestidas. Tal costume denuncia mais um simbolismo, presente nas vestes, como se a roupa nova representasse a efetiva participação dos indivíduos nessas comemorações.

⁴ Narrativa de Maria de Jesus dos Santos. Entrevista realizada em dezembro de 2006

⁵ Narrativa de Joaquim Luiz dos Santos. 66 anos. Entrevista realizada em março de 2007

No outro recanto da sala, os instrumentos musicais utilizados nos forrós também foram evidenciados. Dessa forma, quem visitava a exposição se deparava com objetos que provocavam a reflexão acerca do entrelaçamento de sentidos que compunham a festa religiosa e os momentos de diversão, ao término da celebração.

Levando em consideração as memórias dos idosos da cidade e as pesquisas históricas sobre a festa a “musealização” da festa não apresentou uma dissociação entre o sagrado e o profano. O discurso tecido a partir dos objetos evidenciava a relação indissociável vivida naquele momento. Em outras palavras, os porteirenses não separavam o ato de fé das celebrações festivas em sua comemoração, ou seja, os festejos populares, após a coroação, representam uma continuidade da celebração.

Nesse direcionamento, o entrelaçamento das práticas sagradas e profanas nas comemorações da festa da padroeira de Porteiras foi colocado em questão através de um discurso museográfico. As fotos que antes se encontravam em albúns familiares foram expostas. Somaram-se a elas os vestuários antes utilizados na celebração, os textos escritos sobre a festa – sagrada e profana-, os instrumentos musicais e a mesa de bar, além da imagem da padroeira colocada no centro da sala.

A participação das crianças nos parques ou vestidas de anjos; Famílias bebendo em mesas e acompanhadas de amigos; a “maçã do amor” e uma diversidade de imagens revelavam como a festa era vivida e apropriada de diversos modos. Assim, os próprios moradores do lugar se viam reconhecidos e representados na exposição. De igual modo, questionavam sobre as alterações realizadas naquele ano de 2010, em especial àquelas tocantes à dissociação entre a festa religiosa e a profana. Esse foi o mote da exposição: conhecer o passado e o presente da festa de modo crítico.

Viver com objetos de variadas épocas não é avanço nem recuo no tempo, não é progresso nem atraso. Ter tal questão como ponto a ser levado em consideração significa romper com a idéia de que vivemos num progresso que fala do passado como coisa ultrapassada, que coloca o que passou como evolução para o mundo atual (RAMOS, 2004, p.36).

Considerações Finais

Por tudo isso, a exposição sobre os usos e as representações da festa religiosa na Casa da Memória de Porteiras possibilitou o diálogo sobre as questões que tocavam o passado e as memórias singulares dos porteirenses. Tal experiência é reveladora do valor e da importância dos estudos de história local e regional nos espaços museológicos para a construção das identidades sociais e da consciência crítica e histórica dos sujeitos.

A ação educativa na Casa da Memória de Porteiras demonstrou como os estudos da história local no museu comunitário pode contribuir à construção da cidadania cultural e o fortalecimento dos sentimentos de pertencimento e identidade social dos diferentes indivíduos e grupos sociais, além do seu reconhecimento enquanto sujeitos históricos.

A partir da exposição museológica percebemos que a festa da coroação da padroeira de Porteiras e as demais comemorações católicas do período analisado eram entendidas a partir de diferentes sentidos que lhe foram atribuídos, muitos dos quais permanecem nas memórias e nas práticas dos católicos cariarienses. Vale ressaltar que: “A experiência do sagrado é apropriada de maneiras diversas pelos grupos ou por indivíduos, caracterizando uma pluralidade de usos e de entendimentos” (GAETA, 1997).

Para os idosos católicos, a festa era compreendida como a maior expressão de fé de Porteiras e ainda como a maior festa dessa localidade. Tal celebração religiosa contribuía para ampliar a sociabilidade desse povo e para a reconstrução de suas memórias. Lembremos que, como afirma Gaeta, nas festas religiosas há uma vivência conjuntural entre o religioso e o cultural, fato que possibilita a construção e reconstrução das identidades (GAETA, 1997).

Pelos organizadores do evento, para os grupos pastorais e para os pais das crianças que participavam dessa manifestação, ela era utilizada como um instrumento de formação religiosa católica. Também, a celebração pode ser entendida como um meio de projeção social por parte de alguns indivíduos e grupos sociais que faziam da comemoração religiosa um instrumento de poder, que lhes possibilitava popularidade e visibilidade junto aos demais setores sociais. Além disso, a festa religiosa e profana ganhava sentido econômico por parte dos comerciantes lojistas, feirantes e barraqueiros.

Por fim, nos chama a atenção o reconhecimento que a população tinha com a festa. Além de refletir o sentido de continuidade histórica, era um símbolo de identificação dos porteirenses: dos que residiam no município e também daqueles que deixaram sua cidade por motivos diversos e que retornavam ao local nesse período. Assim, as comemorações fortaleciam o sentimento de pertença à terra natal e contribuía para a construção das identidades dos porteirenses, sendo assim um elemento das sensibilidades do povo.

A festa de coroação da Imaculada Conceição era, portanto, uma ocasião marcada por diferentes sentidos que lhe foram atribuídos com o passar do tempo, apropriados e resignificados pelos diferentes indivíduos e grupos sociais que compõem a sociedade local. Sua “Musealização” evidenciou os múltiplos usos e as diversas representações atribuídas à comemoração, lembrando que o sagrado e o profano se entrecruzavam na vivência da festa e se entrelaçaram na memória social.

A imersão da festa no espaço museal possibilitou, portanto, a reflexão e o debate acerca das sensibilidades e das representações concernentes a maior celebração religiosa dos porteirenses, visto que “o trabalho com a história local no ensino possibilita a construção de uma história mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades” (HORN e GERMINARI, 2006). De igual modo, permitiu o debate crítico sobre as alterações promovidas, o que despertou a reconstrução das memórias sobre a festa e evidenciou sua pluralidade e complexidade.

Referências

- ABREU, Martha. Festas religiosas no Rio de Janeiro: Perspectiva de controle e tolerância no século XIX. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p. 183-203.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: Fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GAETA, Maria A. J. Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.
- HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geysa Dongley. **O ensino de história e seu currículo**: Teoria e método. Petrópolis: Vozes, 2006.
- NASCIMENTO, Antônio Vicelmo. **Roteiro histórico de Porteiras**. Porteiras: Prefeitura Municipal de Porteiras, 1995.
- ORÍÁ, Fernandes. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy e LAGUE, Frédérique. **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.
- _____. Museu, ensino de história e sociedade de consumo. In: **Trajetos**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2001.
- SANTOS, Cícero Joaquim dos. Sensibilidade na festa da coroação no Cariri cearense. In: **Anais do I Simpósio Oralidade e Memória Social**. Fortaleza: UECE, 2008, p. 1-10.
- _____. "É a festa melhor que há": a Coroação de Nossa Senhora da Conceição em Porteiras-CE. In: **Propostas Alternativas**, Fortaleza, n.15, 2007, p. 2-12.

SOUZA, Océlio Teixeira. A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: algumas reflexões. In: LIMA, Marinalva Vilar; MARQUES, Roberto (Orgs). **Estudos regionais: limites e possibilidades**. Crato: NERE/CERES, 2004.

